



»Entrevista | CARLOS GARCÍA DE ALBA | EMBAIXADOR DO MÉXICO

Com a América Latina no centro das atenções — e das ofensivas — de Donald Trump, os dois gigantes da América Latina afinam a sintonia no cenário regional e buscam caminhos de aproximação bilateral

“Compartilhamos desafios”

» SILVIO QUEIROZ

O embaixador Carlos García de Alba desembarcou em Brasília há dois meses para assumir a representação do México, um país que, faz questão de lembrar, tem relação especialmente próxima com o Brasil — que ficou evidente na conquista do tri pela Seleção Canarinho, em 1970, construída principalmente em Guadalajara, cidade natal do diplomata. Passado mais de meio século, os dois países compartilham desafios e aspirações, em um cenário regional e global marcado intensamente pelos primeiros 12 meses de Donald Trump em seu retorno à Casa Branca. Da deportação em massa de imigrantes à ofensiva militar anunciada contra as drogas — mas que teve o ponto crítico na captura do presidente da Venezuela, Nicolás Maduro —, o presidente Lula e a colega Claudia Sheinbaum manobram entre esforços para integrar a América Latina e cuidados para fazê-lo sem acirrar atritos com a superpotência. Em visita ao Correio, o embaixador falou sobre temas internacionais e relações bilaterais. Confirmou os planos para simplificar a concessão de visto e multiplicar as visitas de brasileiros ao México. E antecipou ideias para reforçar o intercâmbio "entre os povos", particularmente em Brasília.

Como o senhor vê o momento atual das relações bilaterais? Entre a presidente Claudia Sheinbaum e o presidente Lula, há uma afinidade política e ideológica notável. Mas é preciso, também, uma relação econômica sólida e crescente. Entre México e Brasil, temos um fluxo de comércio anual de US\$ 17 bilhões, favorável ao Brasil em uma proporção de mais que dois para um. Esse intercâmbio é muito baixo comparado ao tamanho das nossas economias — somamos 65% do PIB da América Latina. A economia do México corresponde a 80% do PIB brasileiro. Portanto, não é o suficiente: temos que ao menos dobrar esse volume de comércio, chegar a US\$ 30 bilhões. Depois, fazer o necessário para equilibrar essa balança. Chama muito a minha atenção que se fala muito pouco de investimentos. Eles são 10 vezes maiores que o fluxo de comércio. Temos mais de US\$ 50 bilhões investidos no Brasil.

Que caminhos podem ser tentados para isso? Temos de diversificar o diálogo bilateral, porque muitas vezes o comércio cria atritos nas relações, principalmente em tempos de Donald Trump. Falar de taxas e tarifas de importação foi irritante. Existe espaço para aumentarmos o comércio bilateral e os investimentos, mas temos de falar mais também sobre intercâmbios acadêmicos, científicos, tecnológicos. O Brasil é uma potência em matéria de saúde: vacinas, produção de medicamentos genéricos. Há ainda os biocombustíveis, uma experiência de 50 anos. No fim de fevereiro, vamos receber aqui uma missão mexicana de alto nível, que virá para aprender com a experiência brasileira. O turismo deixa muito a desejar, são apenas 170 mil brasileiros que visitam o México a cada ano. Vamos começar logo com a concessão do visto por via eletrônica, e acreditamos que a simplificação dos trâmites facilitará a ida de muitos mais brasileiros ao nosso país. A previsão é começarmos em fevereiro, possivelmente já a partir do dia 5. Faremos o anúncio oficial assim que tivermos todos os detalhes.

Como o senhor vê a posição de México e Brasil, da América Latina, nesses primeiros 12 meses de presidência de Donald Trump? Somos uma região muito diversa, felizmente, na história, nas culturas, nos idiomas. No entanto, compartilhamos uma geografia, compartilhamos desafios. Temos muitos problemas sociais, desigualdade, pobreza. Questões ambientais. Nos últimos meses, também nos vimos com um desafio observado por óticas distintas. Não é segredo que o governo dos EUA vem dando muito mais atenção à América Latina. Temos manifestado nosso desacordo com as iniciativas que tomaram. Mas esse momento difícil uniu Brasil e México ainda mais. A comunicação entre nossos governos é frequente, entre os chanceleres e os presidentes, porque temos de estar muito coordenados. Somos os dois maiores países da América Latina, econômica e demograficamente. Observamos os fatos com muita atenção, entendemos as novas dinâmicas internacionais, vemos que o multilateralismo está passando por uma prova muito dura. Ainda assim, é importante que tenhamos clareza de que somos uma região que, por

Guilherme Felix CB/DA Press.



Temos manifestado nosso desacordo com as iniciativas que os Estados Unidos tomaram. Mas esse momento difícil uniu Brasil e México ainda mais"

maiores que sejam as diversidades políticas, enfrenta desafios comuns. O senhor acha que se fez o suficiente a respeito do que aconteceu na Venezuela, com o presidente Nicolás Maduro? Cada país se manifestou à sua maneira. O México condenou duramente os acontecimentos de 3 de janeiro. Dissemos claramente que foi uma violação do direito internacional, e isso não é aceitável. O Brasil e outros países da região fizeram o mesmo, outros tiveram acordo com os EUA. Somos uma região plural, com governos que pensam de maneiras distintas. Da nossa parte, estamos convencidos de que é preciso respeitar a soberania nacional, que cada governo deve ser livre

para tomar suas decisões. Como o governo mexicano vê possíveis operações militares diretas contra os cartéis da droga em território do país? A presidente Sheinbaum foi muito clara. Estamos prontos para cooperar e coordenar ações, mas sem submissão. Não será uma intervenção militar que resolverá o problema complexo do crime organizado, no México ou em outras partes do mundo. Desgraçadamente, o crime organizado é hoje um tema mundial. A solução, a saída, não está em nenhum país sozinho. No âmbito bilateral, pedimos aos EUA, mais de uma vez, que nos ajudem com a sua parte, reduzindo o consumo interno de drogas. E temos

também o tráfico de armas: os cartéis estão bem armados, e essas armas chegam de outros países. Isso exige cooperação internacional, não uma intervenção unilateral. Temos em comum também a deportação em massa de imigrantes pelos EUA. E o México é especialmente afetado... Esse é um tema complexo, triste. Temos visto as operações das autoridades migratórias de lá, que estão distantes do ideal. Antes de tudo, o imigrante é alguém que busca oportunidades, não um criminoso. E contribui com o país que o recebe. Os EUA têm o direito de tomar suas decisões soberanas, o novo governo tem adotado uma atitude muito mais agressiva quanto às

deportações e à proteção das fronteiras. As consequências, vamos ver no longo prazo, os efeitos econômicos, sociais. Mas é importantíssimo o respeito aos direitos humanos. Neste ano teremos eleições na Colômbia e no Brasil, cujos governos têm diferenças marcantes com os EUA. Podemos ter algum tipo de interferência externa nesses processos? Tomara que haja respeito, porque são os eleitores de cada país que devem decidir quem os governa, de maneira democrática e soberana. Espero que não haja interferências no Brasil, na Colômbia ou em qualquer país, da América Latina ou do mundo.

Como a embaixada vê as possibilidades de um maior intercâmbio humano e cultural aqui em Brasília? Nos tempos de hoje, é muito importante exercermos a diplomacia cultural, esportiva, turística. Elas não apenas aproximam os governos, mas os povos. O primeiro presidente de algum país que visitou Brasília, três meses antes da inauguração, foi o do México — na época, Adolfo López Mateos. Neste ano se completam 50 anos da inauguração da nossa embaixada, com uma arquitetura única, que lembra as escadarias das pirâmides de nossas grandes civilizações. Queremos comemorar, e os arquivos do Correio podem nos ajudar a resgatar fotos, seria um grande presente. O México tem uma conexão especial com o Brasil e com Brasília. E neste ano teremos a Copa do Mundo: vamos nos tornar o primeiro país a receber o campeonato pela terceira vez.

No terreno acadêmico, como o senhor vê as possibilidades de intercâmbio com a UnB? Já estive com a reitora, tivemos uma boa conversa. E fiquei surpreso de saber que na UnB temos só cinco estudantes mexicanos e só um professor. Isso não é suficiente. Nesse ponto, lamentavelmente, como se conhece muito pouco o idioma português, no México, isso dificulta a mobilidade acadêmica para cá. Infelizmente, hoje o inglês tem um papel preponderante em muitos campos. Na medida em que tenhamos mais programas de ensino dos idiomas, aqui e no México, isso deve favorecer o intercâmbio acadêmico entre nossos países.

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Realidade paralela, mas 100% real

Na semana em que iniciou o segundo ano do novo mandato, Donald Trump consolidou, de certa maneira, os passos (acelerados) que enfileirou nos primeiros 12 meses para redesenhar a ordem internacional. Depois de sequestrar em plena capital venezuelana o presidente Nicolás Maduro, nos primeiros dias de 2026, e retomar a ofensiva para anexar a Groenlândia, o presidente dos EUA usou o fórum anual de Davos para lançar oficialmente seu desafio mais direto ao sistema multilateral de relações internacionais. O Conselho de Paz, nascido com algumas dezenas de governantes associados, não apenas é um organismo à imagem e semelhança do criador. Trata-se, mais importante, de contraponto potencial às Nações

Unidas - porém, com o magnata do mercado imobiliário tão à vontade quanto se sente como CEO do próprio conglomerado empresarial. Trump é presidente vitalício do organismo, com poder de veto exclusivo e a prerrogativa de determinar quem entra e quem sai. Como no reality show O aprendiz, que ajudou a pavimentar seu caminho para a Casa Branca. A cada episódio, o mestre de cerimônias eliminava do jogo um estagiário, sumariamente, com a sentença implacável que incorporou na (fulminante) carreira política: "You're fired!" ("está demitido!") A "ONU" de Trump, além de paralela, agora é também real. Quem te viu... A nova tacada de um governante

gestado na selva dos hotéis, resorts e cassinos tem paralelo com um dos fatores determinantes para a eclosão da Segunda Guerra Mundial. A retirada de Alemanha, Itália e Japão da recém-fundada Liga das Nações, entre 1933 e 1937, pôs a nocaute a primeira iniciativa para estruturar algum tipo de ordem internacional - passo tomado sob o impacto da Primeira Guerra (1914-1918). Formalmente, a Liga viria a ser extinta em 1946, depois de fundada a ONU. Na prática, porém, em 1939, passados dois anos da saída do Japão imperial e da formalização do eixo Berlim-Roma-Tóquio, a invasão da Polônia pelas tropas nazistas atropelou o arranjo e precipitou o mundo no maior conflito armado de todos os tempos - até o presente. ... quem te vê Os paralelos entre o período entreguerras e o mundo de hoje se insinuam também naquela que foi a motivação inicial de Trump para sua iniciativa. O Conselho de Paz foi concebido, originalmente,

para supervisionar — à margem do sistema ONU — a reconstrução da Faixa de Gaza. Ao fim de dois anos de guerra de Israel contra o movimento palestino Hamas, que governava o território até ser derrotado militarmente, Trump impôs um cessar-fogo baseado em um plano dito de paz com alcance mais longo. Ele prevê a instalação, na prática, de uma administração interina semelhante ao protetorado instalado na Palestina pela Liga das Nações, em 1918, como parte do desmembramento do Império Otomano (turco). O Reino Unido, que recebeu mandato para a missão, fracassou na mediação das disputas entre a população árabe do território e a crescente imigração judaica, inspirada pelo movimento sionista. Renunciou ao papel, unilateralmente, ao fim da 2ª Guerra. Seguiu-se o conflito que perdura há oito décadas. Disque-diplomacia Não por acaso, Planalto e Itamaraty passaram os últimos dias em

articulação frenética, pelos canais possíveis. Convidado por Trump a se associar ao Conselho de Paz, o presidente Lula se desdobra em consultas com parceiros. Na quinta-feira, emendou telefonemas com presidente da China, Xi Jinping, o premiê da Índia, Narendra Modi, e o titular da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas. O roteiro da diplomacia brasileira, membro fundador das Nações Unidas, recomendaria a recusa pronta do convite de Trump para integrar a "sua ONU". Foi nessa linha que se pronunciou, até aqui, o assessor especial Celso Amorim, chanceler de Lula nos dois primeiros mandatos. Aparentemente, o presidente taiteia o terreno antes de bater o martelo. Na entrada do ano em que disputará o quarto mandato, sopesa os impactos potenciais da decisão para a delicada relação bilateral com os EUA do improvável Trump. Não tem colírio Em sua performance no Fórum de Davos, o presidente dos EUA foi

especialmente cáustico com o colega da França. Emmanuel Macron foi um dos governantes europeus mais empenhados em buscar foros para algum tipo de negociação com a Casa Branca em torno da ofensiva para anexar a Groenlândia. Em mensagem reservada para Trump, depois de louvar as coincidências com Washington na guerra civil da Síria e na queda-de-braço com o regime islâmico do Irã, para em seguida questionar: "Não entendo o que você está fazendo em relação à Groenlândia". O destinatário não se limitou a expor essa correspondência. No discurso para os notáveis reunidos nos Alpes suíços, Trump voltou a escancorar uma conversa privativa em torno de contenciosos comerciais. Segundo narrou, Macron teria recusado por três vezes uma demanda do interlocutor para, por fim, entregar os pontos. Não satisfeito, Trump se permitiu ainda uma observação sarcástica sobre os óculos escuros com que o presidente francês se apresentara na véspera, no mesmo foro. "Que diabo aconteceu?", tripudiou.